

## ENTRE QUATRO PAREDES (HUIS CLOS)

COM AMOR E FÚRIA (Claire Denis, 2022, França)

Por Juliana Costa

Filmes de amor louco (ou “amour fou”, como falam os franceses, que entendem do assunto como ninguém) são um caso à parte na história do cinema. Se nos clássicos noir norte-americanos é uma *femme fatale* que arrasta o herói à ruína, como o exemplar *O Diabo é Uma Mulher* (*The Devil is a Woman*, 1935), de Josef von Sternberg, nos anos 1960 e 1970 são os casais que encontram na autodestruição o motor do seu desejo, como o autoexplicativo *L'Amour Fou* (1969), de Jaques Rivette. Atualmente, sobretudo a partir dos debates levantados pelos feminismos contemporâneos, parte dos filmes sobre violência e paixão deposita na figura masculina a ação que conduz o amor à degradação.

Em seu novo filme, Claire Denis, premiada como a melhor direção no 72º Festival de Berlim em 2022, vai mais fundo ao explorar estas relações. *Com Amor e Fúria* (*Avec Amour et Acharnement*, 2022) inicia com Sara (Juliette Binoche) e Jean (Vincent Lindon) na praia, em um belo dia de sol. Imagens diáfanas. A transparência da água revela o amor do casal maduro e apaixonado. Contrastam com este início idílico todos os outros 110 minutos de filme: fotografia lúgubre e muitas cenas internas em um apartamento que vai ficando cada vez menor com o avançar da trama. O sufoco do quarto de dormir. Nem o romantismo dos balcões de Paris consegue evitar a catástrofe. Este é o jogo que Denis joga do início ao fim: friccionar situações e cenas que poderiam ser consideradas românticas a atmosfera de um horror crescente, como se a violência estivesse o tempo todo escondida nas frestas do amor e do cuidado.

A tensão se apresenta com o retorno de François (Grégoire Colin), ex-sócio de Jean e ex-amor de Binoche, à vida do casal. Mas nas imagens algo parece errado ainda antes. Denis é atenta aos rostos, que sempre nos mostram mais do que os diálogos. Uma atmosfera de suspense preenche os espaços entre os personagens desde a chegada do casal ao apartamento. E o diabo mora nas expectativas. Como em seu último filme, *Deixe a Luz do Sol Entrar* (*Un beau soleil intérieur*, 2017) – também com Binoche, o irmão solar de *Com Amor e Fúria* – as relações amorosas são sempre insuficientes perante as expectativas e os desejos. Uma câmera carnal, muito próxima aos corpos, como só Denis poderia expressar, nos esfrega na epiderme física e emocional dos personagens. François, o aventureiro, retorna, e Jean, o protetor, sente a sua masculinidade fragilizada, seja pela disputa arcaica por Sara, seja por uma atração sem nome pelo sócio, que Denis nos deixa apenas entrever. É a derrocada do homem de meia idade, frustrado, desempregado, que não consegue nem se comunicar com o filho adolescente do primeiro casamento. Não por acaso, cenas de autocomiseração antecedem as explosões. E a sua fragilidade se em violência, claro, contra o corpo e o espírito de Sara, mulher que ousa se entregar ao desejo de explorar a sexualidade de seu corpo maduro, mesmo que momentaneamente, junto a um amor do passado.

Mas Sara não é uma vítima deste homem à beira de um ataque de nervos. Denis é amoral com seus personagens, que manifestam seus sentimentos menos nobres de forma pornográfica para uma câmera cúmplice. Com suas expectativas românticas, a personagem colabora com a atmosfera que se instaura. Se Sara repete de forma incessante “Mon amour, mon amour, mon amour” no momento do prazer, parece mais para provar a si mesma que a relação com Jean pode frear o seu desejo por François. Uma crença desesperada de que o casamento possa salvá-la dela mesma. Para nossa sorte, o desejo dos personagens de Denis não conhece fronteiras, nem que eles tenham que jogar seus corpos contra as paredes imaginárias das convenções sociais. Mais do que um amor louco, um amor sufocado pela incapacidade de amar fora dessas quatro paredes. O inferno são os outros.

**Revista Abismu - Abril, 2023**